

ORKUT: LIBERDADE E ALIENAÇÃO

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes (lbrmenezes@yahoo.com.br)
<http://lattes.cnpq.br/5932586465926963>

“Para ser popular é necessário ser medíocre”.
(Oscar Wilde, O Retrato de Dorian Gray)

Para o desenvolvimento do trabalho proposto, levantamos antes a problemática em torno do virtual para que se possa entender o caráter formado a partir deste. A virtualização afeta hoje toda informação, comunicação e corpos, na função que aquela tem de extensão destes. Ela surge como um movimento, e é este movimento que nos esforçamos para entender. Seu processo perpassa pela transformação do real, agregado naquilo que podemos chamar de “ambiente virtual” (termo talvez um tanto indevido para aquilo que se propõe a desterritorializar) e pela modificação. “Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em definir a atualidade de partida como uma resposta” (LÉVY, 2007, p.18).

O artigo tem como intuito desenvolver, através da concepção de virtual, uma análise geral do Orkut e as implicações que este tem no chamado ambiente virtual e sua relação com o real. Para isto é preciso entender desde já o virtual como aquele que tem uma característica *potencial*, tendo como oposto direto o atual. Sendo assim, virtual seria tudo aquilo que existe em potência e não em ato, estando passível de se atualizar a todo o tempo, mas sem que com isso concretize-se de maneira formal. O virtual não se opõe diretamente ao real, porém consideramos necessário falar deste para desenvolver a correspondência que há entre os dois, mesmo que esta seja indireta. Ao falarmos do real pretendemos enfatizar sua ligação com o possível, e de que maneira conectam-se. Por fim, pretendemos levantar a questão da liberdade e sua relação direta com o poder.

O Orkut, rede social filiada ao Google, tem como maior defesa criar novas amizades e manter relacionamentos. Mas isto é o que se pode chamar de *conteúdo* ou *fim* o qual pretende-se atingir com determinado objeto. No entanto, o que se propõe aqui é analisar o *meio* e o *efeito* que se é produzido independente do fim para o qual ele é utilizado. Para isso, pensemos antes em outros meios e

seus efeitos imediatos. A televisão, pro exemplo, é um meio que exige participação, ela estabelece contato, toca o telespectador diretamente. O toque tem relação com as mãos, e algo que se pode utilizar com as mãos é algo que se pode manipular. Ou seja, independente do que se assista na televisão o efeito sempre será de manipulação. Já o rádio é um meio que tem o poder de envolver as pessoas em profundidade, levando a um estado de sono. Sono em grego é *hýpnos*, que vai dar origem a palavra hipnose. O efeito do rádio sempre será hipnótico, criando um estado sonambúlico nas pessoas. O Orkut também é um meio que exige participação, que tem o toque envolvido e, portanto, a manipulação. No entanto, não é está a sua característica principal, ele antes obriga todos aqueles que quiserem dele participar a criarem um perfil virtual.

Essa identidade virtual nada mais é do que um “outro eu”, que pode ser qualquer coisa, até mesmo o total oposto da pessoa real. É nessa oposição que podemos perceber a questão da verdade e da aparência, sendo a palavra, um instrumento humano para a colocação de tais posicionamentos. “Pela elegância e pelo dom da palavra adquiri-se consideração. É por isto que o homem medíocre tenta empregar construções difíceis, que ele trabalha com cuidado, a fim de produzir um certo efeito” (MANN, 1975, p. 39). Tal efeito lembra o desenvolvimento da retórica pelos mestres sofistas da Grécia Antiga. O uso da retórica, da boa capacidade de argumentação, era importante para se ganhar um debate. A arte da persuasão era altamente reputada, pois através dela que se tinha poder político na cidade; e a arte política é essencialmente exercício da linguagem.

O mundo da Internet se tornou propício para a negação da verdade, devido à facilidade que se tem para a omissão desta. Em nome da dita *liberdade de expressão*, as maiores atrocidades são ditas e cometidas sem que haja o menor controle sobre estas, acontecendo nos mais variados campos, inclusive no meio jornalístico. Segundo Thomas Mann,

Por que estou contra a doce liberdade de imprensa? Porque só gera mediocridade. A lei que a limita é benéfica, pois uma oposição que não tem limites torna-se insignificante. E a limitação a obriga a ser engenhosa, e isso é uma vantagem muito grande. Aquele que tem toda a razão pode ser direto e grosseiro. (MANN, 2000. p.299).

A imprensa, assim como as demais mídias e os demais defensores da liberdade de expressão, não quer ser impedida de dizer nada, no entanto, estes mesmos também não querem ser responsáveis por nada dito. Um grave problema, que passa do campo coletivo para o individual, tornando-se um querer único e egoísta. O que se deve ter em conta não é a supressão da liberdade, mas que nossos atos geram conseqüências e que devemos saber responder por eles. Nossos veículos de informação se tornaram medíocres transformando em acontecimentos fatos da mais pura irrelevância; as mídias publicitárias nada mais fazem do que aumentar a camada de superficialidade da população. Com isto, está se criando seres superficiais formadores de uma sociedade cada vez mais composta pela mediocridade. Não existe mais a discussão e o debate, nada mais se aprofunda, nem mesmo as relações interpessoais.

A superindividualização reforça um sujeito que, ao encontrar-se agora numa condição mais flexível, vive no ego a ilusão de uma ação mais consciente e livre no mundo. Esse sujeito é frágil, e aqui está o seu paradoxo. Seu patologizar é imenso, é intenso, e cresce na proporção do consumo, da autonomia e da liberdade: depressão, paranóia, compulsão, baixa auto-estima, competitividade extremada, pânico, suicídio, solidão, medo, estresse, sintomas psicossomáticos, hiperatividade, hiperconsumismo. Vulnerabilidade psicológica, desestabilização emocional (BARCELLOS, 2008, p. 7).

É ao falar destas relações que se entra na questão do Orkut. Este é um clubinho fechado onde pessoas se encontram para manifestar a sua voz, o seu direito de falar, já que acreditam, todas sem exceção, que 'querer é poder', e nisto vivem a querer num mundo que nada pode por elas. Porque este querer nada representa para o mundo real, o mundo onde as coisas acontecem. No mundo real querer não é poder. Somente os tolos e superficiais podem acreditar nisto. É como acreditar numa ilusão, num erro lógico construído através de uma mentira, que é divulgada a todo o momento, em toda parte. Faz parte do mundo contemporâneo fazer-nos crer no impossível, quando a grande questão está na possibilidade. O "possível" ainda é uma grande dúvida que contrasta diretamente com o real. Faz

parte do real como algo que pode vir a se realizar, ao mesmo tempo em que ainda não se realizou e, portanto, não faz ainda parte da concretude necessária à realidade. O possível faz parte da imaginação, do desejo, o que nos leva a querer. O real é a manifestação do poder, é aonde se produz a ação.

O Orkut se prende ao impossível, já que acredita que basta querer para que se possa fazer, e nisto acredita realizar quando na verdade nada está se realizando. É a manifestação do falso, conhecido na linguagem da Internet como “fake”. É onde se constrói o simulacro que limita a visão da verdade. Não existe verdadeiro no Orkut, somente o falso. Por mais verdadeiro e semelhante que seja o perfil de alguém, ele não passa de uma construção a partir do real que não é o real. É a construção de um “eu virtual”, que se desliga da realidade ao entrar no *maravilhoso mundo do Orkut*. Ali já não se é mais o mesmo, mas sim um outro, que participa de um estado diferente, e por maior que seja a semelhança com o real, jamais o será. É onde se cria um paralelo com o sonho, e nisto a perda do autêntico e principalmente de uma vida autêntica. Na sociedade contemporânea o ato de sonhar está cada vez mais corrompido por estar atrelado à publicidade, como se esta fosse a grande detentora do poder de transformar um sonho em realidade, bastando-nos para isso apenas querer, quando na verdade nada mais é do que uma simulação do real, uma ilusão para melhor controlar as nossas ações no mundo. No Orkut as pessoas expõem-se umas as outras como mercadorias, trabalhando a imagem que querem passar de si mesmas, igualmente como é feito pela publicidade, já que a imagem vendida em nada precisa ser condizente com a realidade. Essa transferência do sonho para o real através da publicidade, somente aumenta o vazio espiritual do homem através de um consumismo material.

Muitos ainda se agarram desesperadamente à ilusão de que pensam por si mesmos, determinam seus próprios destinos e exercem, tanto individual como coletivamente, seu livre-arbítrio (o grande mito subjacente à ideologia democrática); agarram-se à ilusão de que a propaganda age em interesse do consumidor; e, talvez à maior auto-ilusão de todas, a de que podem facilmente discernir entre fantasia e realidade. (KEY, 1996, p. 27).

O real é caracterizado por uma capacidade de ação. Capacidade esta que é poder, e que só é passível de formação no mundo real. A manifestação do querer no mundo real só é possível a partir do poder, do contrário, esta manifestação é nula. Por mais bem intencionada que esteja uma pessoa ao entrar no mundo virtual e com isto queira manifestar o seu querer, este nada representa no mundo real. Que fique bem claro a diferença da manifestação do querer no mundo virtual para esta manifestação no mundo real. No mundo virtual o querer vem acompanhado de uma suposta capacidade para realizar o impossível, ou seja, o virtual está atrelado ao impossível e a ilusão que se faz deste para a realização do querer. É um querer que só se faz viável num simulacro, sem qualquer capacidade real de ação; esta é uma capacidade totalmente ilusória. Já no mundo real, o querer vem de uma possibilidade manifestada através de um desejo. A discussão no mundo real sai do impossível (atrelada ao virtual), para o possível que faz parte do real. “O real ocupa todo o espaço e reclama para si toda a admiração, enquanto o possível, como coisa não-realizada, é somente um esquema, uma suposição, [no entanto], o possível existe, embora o seja somente como fato de nossa imaginação e desejo” (MANN, 2000, p. 214). O “eu” só pode querer depois que tiver poder, o que inverte claramente o ditado popular para *poder é querer*. A vontade só pode se manifestar depois que existe um poder para isto, do contrário este querer nada representa. A crença na *liberdade de vontade* é aquilo que mais contribui para o ocultamento do poder.

A liberdade só existe porque antes existe um poder a controlando. O poder, nos dirá George Orwell (1973), não é um meio, um instrumento, ele é um fim em si mesmo. Ao acreditarmos que somos livres para fazer o que quisermos, ausentamos do pensamento no poder, passamos a acreditar que tudo depende da nossa vontade, e esquecemos que esta não se realiza sem aquele. “A liberdade existe, a vontade também existe, mas a liberdade de vontade não existe, porque a vontade que se dirige à sua liberdade bate no vazio” (MANN, 1975, p. 47). No Orkut, assim como em todas as estruturas de poder, a pessoa é livre para escolher se entra ou não, no entanto, uma vez lá dentro toda a vontade passa a ser manipulada e as

escolhas limitadas por uma vontade maior capaz de direcionar a ação e, desta forma, reprimir a liberdade pelo controle da vontade.

Assim acontece numa sociedade regida pelos valores burgueses, onde a economia passa a subjugar o social e a maneira como este deve se portar. A noção de indivíduo está totalmente impregnada na sociedade ocidental, não havendo mais espaço para o coletivo. Paradoxalmente, a noção de indivíduo vem perdendo espaço ao ser transformado em massa pelo mesmo processo que permite ao burguês se torna particular: a marca. Nisto, tanto a concepção de massa como a de indivíduo são burguesas. Referir-se ao outro como massa ou como indivíduo nada mais é do que uma característica lingüística para a afirmação dos valores burgueses. O burguês necessita que o outro seja igual para que ele seja desigual, e a apropriação ilegítima do corpo do outro é um ponto chave para isto. Esta apropriação ilegítima acontece através do capital, que, numa sociedade de mercado, obriga o homem a tornar a sua força de trabalho algo comercializável, e a competir irrefreavelmente com a máquina.

O problema da liberdade individual, tão apaixonadamente discutido na nossa geração, é apenas um aspecto deste problema angustiante. Na verdade faz parte de uma necessidade muito mais vasta e mais profunda – a necessidade de uma resposta nova ao desafio total da máquina. [...] Mas embora a aventura de um meio ambiente progressivamente artificial não possa, não deixe de ser e, evidentemente, não deva ser voluntariamente afastada, a tarefa de se adaptar a vida num tal contexto aos requisitos da existência humana precisa de ser resolvida se o homem quiser continuar a viver sobre a terra. (POLANYI, 1977, p.8)

A máquina, problema antes na Revolução Industrial, volta a ser problema na Era Tecnológica, pois continua a ser um desafio para o homem sobreviver à mudança que aquela impõe a este. O mundo se encontra tão impregnado pelo tecnológico que qualquer regresso se tornou impossível, pois o homem está de tal maneira subordinado às necessidades da máquina, que já não consegue viver sem ela. Logo, ter o passado como meta é uma alternativa falha e anacrônica. A realidade se agrava se colocarmos ainda a formação de um mundo virtual que vem englobando o real como algo que tenta progressivamente substituí-lo, ao invés de

ser uma extensão deste. Um agravante certo para a liberdade individual, que passa a ser subordinada a vontade da máquina.

Tal situação torna cada vez mais rara a existência do *homem forte*, ou seja, aquele que é capaz de prover-se ao mesmo tempo do querer e da ação. A sociedade foi, pois, dividida em seus afazeres, como a divisão de tarefas do sistema americano, sendo que o querer passou a fazer parte da máquina e a ação do homem. Contradição lógica, já que, a máquina ao ser criada deveria satisfazer os desejos do homem. Toda a ação, todo o querer, passou a girar em torno de um fazer tecnológico, o gênero humano não sobrevive mais sem a máquina. Tentemos pensar num mundo sem carros, fogão, geladeira, aviões, computadores, Internet, e a economia toda pararia. Bastaria um dia apenas sem televisão, rádio, jornais e qualquer meio de informação, e o mundo deixaria de pensar. A máquina se tornou uma estrutura de poder, ganhando a sua própria liberdade e vontade, dependente do homem, não para se manifestar, mas sim para controlá-lo. Não é a máquina que precisa do homem para existir, mas é o homem que não consegue mais viver sem a máquina. A realidade tal como se apresenta se tornou de tal forma insuportável (irritante), que a criação de um mundo virtual se tornou necessário como fuga (contra-irritante) e como substituto do real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARCELLOS, Gustavo. "A Alma do Consumidor". *Le Monde Diplomatique Brasil*. Ano 2, No 17, Dezembro de 2008, pp. 6-7.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Noites Brancas*. Tradução de Nivaldo dos Santos. São Paulo: Editora 34, 2005.

KEY, Wilson Bryan. *A Era da Manipulação*. Tradução de Iara Biderman. São Paulo: Scritta, 1996.

LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2007.

MACLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MANN, Thomas. *Mario e o Mágico*. Tradução de Cláudio Leme do Original: Mario et lê Magicien. Rio de Janeiro: Editora Artenova S.A., 1975.

_____. *Carlota em Weimar*. Tradução de Vera Mourão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

POLANYI, Karl. "A Nossa Obsoleta Mentalidade Mercantil". *Revista Trimestral de Histórias e Idéias*, 1977, pp. 7-19.

VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Tradução de Ísis Borges da Fonseca. São Paulo, Difel, 2006.

SOBRE O AUTOR:

LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES - Possui graduação em Comunicação Social - Faculdades Integradas Hélio Alonso (2006). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação. Atualmente é graduando em Filosofia e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Lógica e Metafísica, ambos na Universidade Federal do Rio de Janeiro.